NOVAS CANÇÕES POPULARES

A Secca do Ceará

(1878)

Minha patria! Lar querido...
Qu'immensa desolação!
Cáe-me o pranto dolorido
No luto do coração;
Que a minha terra adorada,
Por fera sêcca assolada,
Ora vejo amortalhada
N'amargura, n'afflicção!

Meu Deus!.. que scenas d'horror!
Misericordia, oh Senhor!

Das selvas onde a verdura,
Onde os prados do sertão?
A vertente d'agua pura
Que banhava a viração?..
Eis tudo sêcco mirrado!
Nem mais selva, nem mais prados
Sobre o solo requeimado
Por sol d'infando verão!

Meu Deus!.. que scenas d'horrer!
Misericordia, oh Senhor!

E sobem vistas cansadas
S'imbebem no céo sem fim,
As chuvas, sempre esperadas,
Procuram. . . supplicam, sim !
Mas, volvem do firmamento,
Só trazendo o desalento. . .
Que as nuvens varrêra o vento,
Varrendo a esperança assim !

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Misericordia, oh, Senhor !

O gado que nédio outr'ora
Urrava escarvando o pó. . .
E' múmia que geme e chora. . .
Nos ossos a pelle só !
De sêde e fome expirando,
Penoso a vista espraiando. . .
Vai a campina lastrando. . .
Em vão de seu dono o dó !

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Mizericordia, oh, Senhor !

Soluça o triste vaqueiro
Vendo o corcel se finar,
Das lides o companheiro,
Ginête do campear ;
Depois o curral fechando,
Sáe a pé, sáe esmolando. . .
Pois, o gado se acabando,
Mais não tem que vaquejar !

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Mizericordia, oh, Senhor !

A lavoura desparece,
Como foge a creação;
Já o abastado empobrece,
O pobre supplica o pão;
E todos nivéla a sorte...
Vem a peste, surge a morte,
Ninguem se julga mais forte...
E' tudo—consternação!

Meu Deus!.. que scenas d'horror!
Mizericordia, oh, Senhor!

Os sertanejos descendo
Em bandos ao litoral...
Sem mantimentos... comendo,
Bravía raiz lethal...
Ai, choram... São retirantes...
Andrajosos, mendigantes...
Esparsos... agonisantes...
Perdendo o sopro vital!

Meu Deus!.. que scenas d'horror!
Mizericordia, oh, Senhor!

Transforma-se em necroterio
O meu amado torrão;
Da morte no vasto imperio
Só reina a—putrefacção!
Os corpos sem sepultura...
Ao tempo... sem compostura...
Do bruto, da criatura
Os restos em confusão!

Meu Deus!.. que scenas d'horror!
Mizericordia, oh, Senhor!

Negreja o feral recinto
Nuvens de vis urubús...
Coveiro immundo e faminto,
Qu'apenas deixa ossos nús;
E quando baixa o relento,
Eis o morcêgo cedento
A sugar minguado alento
Dos moribundos... Jesus!

Meu Deus!.. que scenas d'horror!
Mizericordia, oh, Senhor!

Aqui loucos, esfaimados,
Cruéis filhos, cruéis paes!
Entre os seres desalmados,
Virtudes celesteaes!..
A mãe que delira e freme,
Se o filho com fome geme,
Porque seus peitos espreme...
E os peitos não vertem mais!

Meu Deus!.. que scenas d'horror!
Mizericordia, oh, Senhor!

Alli vê-se radiando
Os affectos filiaes...
Fracos entes carregando
Os seus amigos leaes!
E da casa no terreiro
Uivando o fiel rafeiro...
N'outra parte, o bandoleiro
Devora restos mortaes!

Meu Deus!.. que scenas d'horror!
Mizericordia, oh, Senhor!

E alem... o casal deserto!
Que a familia abandonou...

Velho pai de passo incerto
E embreve á campa baixou ;
Após a consorte. . . o filho. . .
Qu'importa do moço o brilho ?
Tudo cahiu sob o trilho,
Que o infortunio rojou !

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Mizericordia, oh, Senhor !

Magros sobejos da morte,
Buscando á morte escapar,
Emigram p'ra o sul e norte. . .
Eil-os na praia a embarcar !
Oh, quadros tristes, penosos ! . .
O desterro. . . os ais saudosos. . .
Que trances angustiosos. . .
No barco. . . á prôa. . . no mar ! . .

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Misericordia, oh Senhor !

Revogai tamanha pena. . .
Clemencia, Senhor, perdão !
Se a culpa não foi pequena,
Grande ha sido a expiação !
Em ruinas sepultada,
Eis minha patria adorada. . .
Escutai a malfadada
Que vos pede compaixão !

Não mais, não mais tanto horror !
Misericordia, oh Senhor !

Juvenal Galeno.